

 Universidade Estadual de Feira de Santana

Departamento de Ciências Humanas e Filosofia

Docente: Eduarda Sena

Discente: Regiane Brandão Almeida

CULTURA E ETNOCENTRISMO

Feira de Santana – 2013

Regiane Brandão Almeida

Cultura: Um conceito Antropológico

Este trabalho foi solicitado pela Prof.ª Eduarda Sena. Como avaliação da disciplina Seminário Interface: Antropologia e História

Feira de Santana-2013

Cultura: Um conceito Antropológico

 Regiane Brandão Almeida

Resumo

Este artigo refere-se ao conceito antropológico de cultura. Nele reflito sobre as visões de diversos autores sobre a conceituação e origem do termo.

O texto foi construído como uma comparação, partindo da discussão do *livro Cultura: Um conceito Antropológico*, de Roque de Barros Laraia.

Onde também pretendo expor algumas problematizações sobre o conceito de etnocentrismo e de como ele é trabalhado dentro das questões culturais.

Palavras-chaves: Cultura, etnocentrismo.

Feira de Santana-2013

Introdução

Construir esse texto levando em conta a possibilidade de dialogar com antropólogos e sociólogos acerca do conceito de cultura e a sua relação com o homem dentro da esfera espacial e social.

Para isso procuro iniciar uma breve discussão a partir de uma analise mais sistemática de autores como: ClaudeLévi-Strauss, Denys Cuche, François Laplantine e Roque de BarrosLaraia.

Apesar de ser um tema bastante discutido nos últimos 100 anos, cultura é ainda um assunto inesgotável, pois a cada pesquisa que se conclua, por mais questionamentos e resoluções acerca da temática que se chegue é quase que impossível issohipoteticamente falando se chegar a um ponto final.

Por esse motivo me proponho a analisar, levantar questionamentos, levando em conta tudo que já fora posto pelos autores acima citados.

Pois acredito que para se entender o que é cultura, como ela surgiu enquanto conceituação, e como ela chegou à forma que aprendemos hoje serãonecessárioscompreender a etimologia da palavra, e o como ela foi introduzida no ramo da antropologia e das demais ciências sociais.

**Cultura: a conceituação cientifica**

Entender o homem e sua relação com a natureza foi fruto de diversos estudos ao longo dos tempos. E para tentar compreender essa relação homem e natureza e homem versus natureza, foram iniciados vários estudos no campo das ciências sociais.

Pois conciliar a unidade biológicae a diversidade cultural da espécie não foi uma tarefa fácil.

Dentro desse contexto é que surgem os questionamentos sobre o qual alguns estudiosos se debruçam que é a premissa de que o homem é um ser biologicamente igual, porém são seus costumes que os diferenciam.

É a partir dessa ideia que Edward Tylor no século XVIII ao sintetizar o termo germânico Kultur (era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade), isso enquanto a palavra francesa *civilization*trata principalmente das realizações materiais de um povo.

Já o termo inglês cultura em sentido etnológico caracteriza o conjunto de crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade que o homem tem de adquirir hábitos enquanto membro de uma sociedade.

“Cultura e Civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto de complexo que inclui o conhecimento, as crenças, aarte, a moral, odireito, oscostumes, e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem quanto membro de uma sociedade.” (Cuche, p.35).

A partir dessa conceituação Tylor opõem-se a ideia de que a cultura fosse transmitida de forma inata, por mecanismos biológicos. Pois para ele a cultura é uma expressão da vida social do homem.

Tal ideia de cultura antecedeu a concepção de John Locke (1632-1704), que defendeuno seuensaio acerca do Entendimento Humano, onde ele trouxe ade maneira bem pertinente à ideia de que amente humana não é nada mais do que uma caixa vazia, e isso se dar desde o nascimento, porem e contrapartida somos dotados de uma capacidade de obter conhecimento, isso através do que conhecemos como endoculturação.

Porém me permiti analisar o conceito de cultura para Geertz, e o mesmo diz em seu livro “As interpretações das Culturas” vem tratando esse conceito de forma totalmente semiótico, afirmando que:

“O homem é um animal amarado a teias de significados que ele mesmo teceu”. (Geertz, p.15)

Neste caso Geertz assume a cultura como sendo essas tais teias e a sua analise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A partir dessa colocação de Geertz é pertinente afirmar quecultura é uma espécie de prisão na qual o próprio homem isso dada às devidas proporções se prendeu.

Nesse mesmo livro ele ainda analisa o impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. Para isso teremos que analisar o homem na visão iluminista.

Ele afirma que o estudo da cultura tem se desenvolvido, e a sua concepção cientifica significaou pelo menos de alguma forma estava ligada a derrubada da visão iluminista da natureza dominante do homem.

E que mesmo que o posicionamento fosse favorável ou não era uma visão clara e simples, e que se houvesse uma substituição por uma visão mais complicada emuito clara seria um tanto impertinente.

Pois são diversas as tentativas de se reconstruir um relato inteligente do que é o homem é o que permeia todo o pensamento cientifico sobre cultura.

O homem na visão iluminista era de forma natural entendido como uma só peca com a natureza e que ele partilhava da uniformidade geral da composição que a ciência natural, que havia sido descoberto através da provocação de Bacon e a orientação de Newton. O que se resume na ideia de natureza muito bem organizada perfeitamente invariante e maravilhosamente simples como o universo de Newton.

“O cenário (em períodos e locais diferentes) é alterado, de fato, os atores mudam sua indumentária e aparência; mas seus movimentos internos surgem dos mesmos desejos e paixões dos homens e produzem seus efeitos nas vicissitudes dos reinos e dos povos”. (Geertz, p.46)

*Franz Boas e a sua concepção particularista de cultura*

Se Tylor é tido como o criador do conceito de cultura, podemos dizer que Franz Boas foi o primeiro a fazer pesquisas para observar as culturas primitivas, o que podemos afirmar que nesse sentido ele é o inventor da etnografia.

Boas iniciou seu estudo ainda como geografo, quando decidiu estudar os esquimós a fim de entender os efeitos dos meios físicossobre essa sociedade. Foi quando percebeu que a organização social era determinada pela cultura e não pelo ambiente físico.

Para Boas às diferenças existentes entre os homens é de cunho cultural e não racial, foi dele o primeiro passo para derrubar um conceito central na época que era a noção de raça.

Ele numa mudança para os Estados Unidos dedicou-se a estudara população imigrante e demostrou que havia consideradas modificações morfológicas em um curto espaço de tempo, isso sobre um ambiente novo. Isso derruba o conceito pseudocientífico de “raça humana”, que é concebia como um conjunto permanente de traços físicos específicos de um grupo humano, não resiste a uma analise mais rigorosa. Ele afirma que não há caracteres raciais imutáveis.

Ele também se dedicou a derrubar a ideia de que existia uma ligação entre traços físicos e traçosmentais, uma premissa bastante defendida na época.

O que se torna compreensível sua defesa de que não há diferença de “natureza” (biológica) entre os ditos primitivos e os entendidos como civilizados, mais que essa diferença apenas se faz presente somente no que se diz respeito àcultura, adquiridas e logo não inatas. Ele foi um dos primeiros cientistas sociais a dissociar o conceito de cultura do conceito de raça, algo que era comum na época.

Ao contrario de Tylor de quem Boas havia tomado o conceito de cultura, ele tinha como objetivo o estudo “das culturas” e não “da cultura”.

Devemos a ele a teoria do “relativismo cultural”, apesar de não ser ele o primeiro a pensar na relatividade cultural, nem foi ele o criador desta expressão que só fora aparecer anos mais tarde. Para ele o relativismo cultural era um apenas um principio metodológico.

As suas recomendações eram explicitas e carregadas de cuidados, isso porque ele tinha todo o cuidado para não cair no etnocentrismo, para evitar tal problema ele recomendava que devessem abordar a cultura *a priori,* deixando de lado nossas próprias categorias para interpreta-la, isso sem compara-la de forma prematura com as outras culturas.

**Cultura e o Etnocentrismo**

Em seu livro A palavra etnocentrismo foi criada pelo sociólogo americano William G. Summer e foi usada pela primeira vez em 1906 em seu livro Folkwais. Etnocentrismo é um termo técnico para esta visão das coisas segundo a qual nosso próprio grupo é superior aos outros, e também defende a tese que esses outros grupos são medidos e avaliados pelo seu.

Cada grupo etnocêntrico esta empregando de orgulho e de vaidade, poisse consideramsuperiores, na sua concepção seus deuses são superiores aos deuses alheios. Eles validam seus costumes como validos e o dos outros como insignificante.

Isso se dar segundo Lévi-Strauss porque o homem tem dificuldade de aceitar a diversidade cultural como um fenômeno natural, que é resultado direto e indireto das relações entre as sociedades.

Os povos chamados “primitivos” acreditam que a humanidade acabava nas fronteiras étnicas ou linguísticas e devido a esse fato eles denominavam com frequência com um etnônimo que significava“os homens”, “os excelentes” e ainda mais, ”os verdadeiros”, isso em oposição aos estrangeiros a quem eles acreditavam não ser seres humanos completos.

O etnocentrismo pode ainda tomar formas mais extremas de intolerância cultural, religiosa e até politica. Um bom exemplo de intolerância pode ser encontradona Alemanha de Hitler que é considerado um dos maiores genocidas da História, pois ele pregava que a raça (termo utilizado na época) ariana era a única pura e por isso todos que não se enquadrassem deveriam ser perseguidos, presos ou ate mesmo mortos.

Em ruptura total com essa ideia, a antropologia cultural introduziu a ideia de relatividade cultural como foi tratado no tópico anterior. E ela recomenda, para escapar a qualquer etnocentrismo na pesquisa, a aplicação do método de observação participante.

**Conclusão**

Ate aqui construir varias concepções e relações sobre o conceito da palavra cultura, porém não poderia concluir essa breve discussão sem antes trazer para enriquecimento desse material a visão sociológica de cultura em Durkheim quedesenvolviauma sociologia com uma vasta orientação antropológica.

Sua maior ambição era a de compreender o social em todas as esferas e sob todos os aspectos, isto inclusive na dimensão cultural, através de todas as formas de sociedade. Na sua revista*O ano sociológico*ele publicou diversas monografias etnográficase diversas resenhas etnológicas, em geral estrangeiras. Porém nunca fez uso de fato do termo cultura, que em língua estrangeira era quase sempre traduzido por “civilização”.

Mais esse tendência não é uma demonstração de desinteresse pelos fenômenos culturais, pois para ele os fenômenos sociais tem de forma necessária uma dimensão cultural, pois também fenômenos simbólicos.

O fato é que para analisar discussões de autores como Tylor é necessário levar em conta a época em que ele viveu que vale salientar que fora um período marcado pelo evolucionismo de Charles Darwin, que impregnou toda a sociedade do século XIX.

A partir desse evolucionismo Darwiniano é que se criou o termo “raça”que foi perdendo força com pesquisa como a de Franz Boas.

Mais o que fica plausível é a questão se algum momento me for questionado o conceito de cultura no campo antropológico é muito mais cabível me utilizar das teorias de Tylor e de seus contemporâneos.

**Referencias Bibliográficas**

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. Ed. 14°, Rio de Janeiro: Jorge “Zahar, 2001”.

GEERTZ. Clifford. **As interpretações das Culturas**. Rio de janeiro: Livrostécnicos e Científicos Editores S.A.1989.

CUCHE, Denys**. A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC. 2002,2ªed.

LAPLANTINE, François. **AprenderAntropologia**. SãoPaulo: Brasiliense. 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural Dois**. Rio de janeiro: TemposBrasileiros. 1993.